



Psicanálise em um mundo em transformação*

Cláudio Laks Eizirik**, Porto Alegre

O autor reflete, em seu discurso de abertura do Congresso da IPA de Berlim, sobre algumas transformações no mundo, na Alemanha e na psicanálise nos 85 anos que se passaram desde o Congresso anterior em Berlim, em 1922. Enfatiza importantes desenvolvimentos na teoria e na prática psicanalíticas, na pesquisa e nas aplicações para entender áreas mais amplas. Também destaca a importância da psicanálise para a discussão atual sobre os efeitos transgeracionais dos eventos traumáticos e relaciona todos esses aspectos com o tema do Congresso: Recordar, repetir e elaborar na psicanálise e na cultura hoje.

Descritores: Psicanálise Contemporânea. Evolução da psicanálise. Psicanálise. Cultura.

* Título original: *Psychoanalysis in a changing world*. Discurso proferido no Congresso Internacional de Psicanálise, Berlim, 2007. Originalmente publicado no *International Journal of Psycho-analysis*, v. 89, n. 1, p. 11-14, 2008.

** Presidente da International Psychoanalytical Association 2006-2009. Psicanalista Membro Efetivo e Didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Zog nit keyn mol az du geyst dem letzten veg,
Khotsh himlen blayene farshteln bloye teg;
Kumen vet noch undzer oysgebenkte sho,
S' vet a poyk ton undzer trot – “mir zaynen do!”

Nunca digas que este é o último caminho,
Ainda que nuvens de chumbo toldem o céu azul,
Porque a hora pela qual temos esperado se avizinha,
E o som de nossa marcha tropejará: “Aqui estamos!”

Queridos colegas, ilustres convidados, senhoras e senhores

Com estas linhas, em ídiche, começa a música escrita por Hirsh Glick (1942) para os Partisans, na Floresta de Vilna. Com o tempo, a música se propagou através de todas as florestas, não somente na Europa Oriental, mas através do mundo todo, reunindo aqueles que combatiam os nazistas e seus aliados, ou os que, após a guerra, relembavam as batalhas e rebeliões daquele tempo terrível. É uma entre tantas expressões de resistência contra a opressão, e ilustra de forma eloquente como a mente humana é capaz de suportar e sobreviver às mais extremas condições de sofrimento e desespero.

Muitas vezes, parece desvanecer-se toda a esperança, seja na análise de um paciente gravemente doente ou em situações sociais ou institucionais que parecem estar levando-nos ao desespero.

Sob estas circunstâncias, as lições do passado e a resiliência, tanto de nossos pacientes como de muitos milhões de seres humanos que ontem e hoje foram ou estão submetidos à dor e ao sofrimento físico e psíquico, pode prover-nos força e determinação para jamais desistir.

Após 85 anos, aqui estamos, novamente em Berlim, onde a IPA realizou seu 7º Congresso em 1922, sob a presidência de Ernest Jones; e após 22 anos estamos de volta à Alemanha, onde ocorreu o último congresso realizado pela IPA neste país, em Hamburgo, presidido em 1985 por Adam Limentani.

O primeiro Congresso em Berlim realizou-se de 25 a 27 de setembro de 1922, na Kurfürstenstrasse, 115-116, onde iremos, esta noite, descerrar uma réplica da Gradiva, graças à generosa idéia das duas sociedades alemãs filiadas à IPA. Foi o último congresso a contar com a presença de Freud. Inscreveram-se 265 pessoas, o que foi considerado um sucesso na época e que corresponde a um décimo do número de participantes aqui, hoje. Foram então apresentados diversos



trabalhos seminais, tanto pelo próprio Freud como por Abraham, Melanie Klein, Ferenczi, Alexander, Jean Piaget, Sandor Radó, Sabina Spielrein, Karen Horney, Edoardo Weiss e Eitingon. O congresso foi organizado pela Policlínica de Berlim.

Na Reunião Administrativa (Business Meeting) de 1922, a qual ocorreu durante o congresso, houve uma discussão sobre a possibilidade de oferecer-se um diploma aos membros formados pelas organizações constituintes da IPA. Esta foi uma forma de introduzir a idéia de uma regulação internacional da formação analítica. Dois outros problemas interessantes, descritos por Schröter (2007), foram a tentativa de Abraham de aproveitar o encontro para a promoção externa da psicanálise e as dificuldades para lidar com a imprensa de Berlim, a qual havia protestado por não ser permitido o livre acesso a todas as apresentações do congresso. Como podemos ver, algumas questões repetem-se inevitavelmente, apesar da nossa crescente habilidade em administrá-las.

Ao longo das décadas, desde aquele tempo, eventos dramáticos e inacreditáveis modificaram o mundo, a Alemanha, a psicanálise e a IPA. Gostaria de refletir brevemente sobre eles, como uma forma de introduzir o nosso 45º Congresso e dar as boas vindas a todos vocês neste histórico encontro.

“Recordar, repetir e elaborar na psicanálise e na cultura hoje” foi o tema escolhido porque expressa alguns de nossos principais interesses, bem como áreas de desenvolvimento atual na teoria, prática, pesquisa e formação analíticas, e ainda na interface com a cultura. Nosso programa aborda todas estas dimensões e inclui diversas oportunidades culturais, graças ao trabalho extraordinário dos Comitês de Programa e Local.

Por que deveríamos dedicar nosso congresso a revisitar o trabalho de Freud? Qual a sua possível relevância para refletirmos sobre as muitas questões desafiadoras do nosso mundo atual?

Para colocar isto de forma mais direta: qual é a real relevância da própria psicanálise, com todas as suas complexidades e exigências, em um mundo dominado por diversas tendências recentemente descritas como “modernidade líquida”, no qual as relações humanas parecem ser tão provisórias e frequentemente sem sentido? Ou no qual alguns exemplos recentes do demoníaco poder da compulsão à repetição, tão bem descrito por Freud, algo que, de acordo com Green, A. (1986) assassina o tempo, pode ser encontrado em diferentes expressões do fundamentalismo, assim como em diferenças sociais e econômicas tão brutais que mantêm milhões de pessoas condenadas à fome, doenças e morte prematura, ou no qual agressões sistemáticas ao meio ambiente ameaçam o mundo que partilhamos? Ou no qual, ao mesmo tempo, através da evolução de desenvolvimentos prévios, possibilidades novas e fascinantes modificaram para

sempre nossos métodos de comunicação, sistemas de informação, a ciência e a tecnologia? Ou no qual novas formas de expressão ou linguagem são criadas nas artes, e novos significados são encontrados para simbolizar e aprofundar nosso entendimento do corpo e da mente humana?

Neste mundo em transformação, a psicanálise responde à mudança com mudança.

Como sugeri em meu discurso inaugural no Rio, dois anos atrás, vejo a psicanálise como uma obra em construção, e o que desde então tenho observado reforça este conceito em minha mente.

Se consideramos as mudanças desde nosso congresso anterior em Berlim, 85 anos atrás, muitos dos trabalhos apresentados então anteciparam desenvolvimentos futuros e, se os relacionamos com a situação atual de nossa disciplina, podemos ver um bom exemplo de como a teoria e a prática desenvolveram-se ao longo do tempo.

Ao mesmo tempo, se consideramos os três trabalhos pré-publicados deste congresso, podemos ver que Marucco, Bohleber e Lear de forma muito clara demonstram como recordar, repetir e elaborar podem ser vistos hoje em várias dimensões: metapsicológica, relacionada à cultura e como reação a experiências traumáticas.

Ao longo dos últimos 85 anos, tornamo-nos uma disciplina e uma associação pluralísticas e inclusivas, em que diversas perspectivas teóricas têm sido desenvolvidas. A metapsicologia freudiana é ainda um de nossos marcos definidores, mas temos novas interpretações dela, principalmente desenvolvidas na França e na América Latina, possibilitando o acesso a novas áreas da mente; as relações objetais foram largamente enfatizadas na Inglaterra, assim como estudos sobre as relações mãe-bebê e novos *insights* sobre o processo de mentalização, baseados em sofisticadas pesquisas e na expansão da metapsicologia e da geografia da mente; o processo de separação-indivuação, as psicologias do ego e do *self* foram desenvolvidos na América do Norte.

No que se refere à prática analítica, a mente do analista é cada vez mais um objeto de interesse, na medida em que o conceito de contratransferência tornou-se uma espécie de ponto de confluência, e novos conceitos estão em desenvolvimento como o de campo analítico, a intersubjetividade, o terceiro analítico, o objeto analítico, o trabalho em duplo, a escuta da escuta, a empatia analítica, todos os quais nos permitem, hoje, analisar pacientes mais gravemente comprometidos, como os borderline, narcisistas, os psicossomáticos, os perversos. Ao mesmo tempo, estamos incrementando nosso trabalho analítico com crianças e estudando como analisar pacientes idosos. Para resumir, eu diria que estamos



agora, graças ao que aprendemos dos nossos antecessores e ao que estamos construindo conjuntamente, mais aptos a trabalhar em maior contato emocional com nossos pacientes, à medida que estamos em maior contato emocional com nossa própria mente e mais cientes deste campo específico que nós construímos em cada caso analítico.

Estamos também progredindo com diferentes tipos de pesquisa, entre estes, estudos relevantes sobre o processo analítico e sua efetividade, bem como estudos conceituais que nos permitem ampliar nosso conhecimento sobre o funcionamento mental.

Em relação à interface da IPA com a cultura, estamos presentes nas Nações Unidas e temos desenvolvido estudos sobre o terror e o terrorismo, a discriminação e os efeitos psíquicos da exclusão social; e em cada sociedade componente podemos ver o desenvolvimento de estimulantes projetos, alguns financiados pela IPA. Estudos analíticos específicos aumentaram a nossa compreensão sobre os efeitos traumáticos do Holocausto e outras formas de totalitarismo, e também sobre a transmissão transgeracional dos fenômenos mentais.

Todos esses temas são discutidos nos nove novos títulos que serão lançados esta semana pelo Comitê de Publicações da IPA.

No que se refere à formação analítica, recentemente foi-nos possível evoluir de um estado de certa cegueira coletiva para um reconhecimento de que, na verdade, na IPA, operamos no mínimo com três modelos de formação, e há espaço para criatividade e novas experiências de formação, desde que preservemos e mantenhamos as bases sólidas que são a marca registrada de nossa associação. Neste Congresso, diversas experiências inovadoras estarão em discussão, relativas ao início do tratamento, à conclusão da formação e à avaliação da competência do analista. Entre tantos novos desenvolvimentos, estamos apoiando firmemente o estabelecimento de novos grupos analíticos no Leste Europeu e empreendendo um trabalho similar na América Latina, e em breve estaremos fazendo o mesmo na China.

Em 1989, os olhos do mundo estavam novamente focados em Berlim. O muro estava caindo, e o outro sistema brutal de opressão do século 20 começava a ruir. Desde então, uma nova cidade emergiu, construída sobre os trágicos e sublimes eventos do seu passado, e hoje nos oferece um espetáculo de arte, arquitetura, história e uma oportunidade ímpar para o pensar livre e aberto. Como psicanalistas, lutamos arduamente com a nossa própria mente, assim como em cada relação analítica, contra todos os tipos de muros que impedem a expansão da mente e a possibilidade de explorar a quase infindável potencialidade para o

desenvolvimento humano. Justamente por isso, aliamos-nos a todos aqueles que se opõem a qualquer forma de opressão, violência e discriminação.

É um imenso prazer dar-lhes calorosas boas vindas e convidá-los todos a participar em nosso trabalho conjunto de destruir muros e construir novas formas de convivência. □

Abstract

Psychoanalysis in a changing world

The author reflects, in his opening speech of the IPA Berlin Congress, on some changes in the world, in Germany and in psychoanalysis in the 85 years that elapsed since the previous congress in Berlin, in 1922. He emphasizes important developments in Psychoanalytic theory and practice, research and applications to understand several wider realms. He also stresses the importance of psychoanalysis for the current discussion on the transgenerational effects of traumatic events, and connects all these aspects with the theme of the congress: remembering, repeating and working through in psychoanalysis and culture today.

Keywords: Contemporary Psychoanalysis. Evolution of psychoanalysis. Psychoanalysis. Culture.

Resumen

Psicoanálisis en un mundo en transformación

El autor refleja, en su discurso de abertura del Congreso de IPA en Berlín, sobre algunas transformaciones en el mundo, en Alemania y en el psicoanálisis en los 85 años que se pasaron desde el congreso anterior en Berlín, en 1922. Enfatiza importantes desarrollos en la teoría y en la práctica psicoanalíticas, en la investigación y en las aplicaciones para entender áreas más amplias. También subraya la importancia del psicoanálisis para la discusión actual sobre los efectos transgeneracionales de los eventos traumáticos, y relaciona todos esos aspectos con el tema del Congreso: Recordar, repetir y elaborar en el psicoanálisis y en la cultura hoy.

Palabras llave: Psicoanálisis Contemporáneo. Evolución del psicoanálisis. Psicoanálisis. Cultura.

Referências

- GLICK, H. (1942). *Zog Nit Keynmol*. Disponível em: <http://zemerl.com/cgi-bin/show.pl?title=Zog+Nit+Keynmol>.
- GREEN, A. (1986). *On Private Madness Madison*. Connecticut: International Universities Press.
- SCHRÖTER, M. (2007). Zur Geschichte der Psychoanalyse. *Psyche: Zeitschrift für Psychoanalyse und Ihre Anwendungen*. v. 61, n. 4.

Recebido em 30/04/2008

Aceito em 09/05/2008

Tradução de **Ana Paula Lago**

Revisão técnica de **Cláudio Laks Eizirik**

Cláudio Laks Eizirik

Rua Marquês do Pombal, 783/304
90540-001 – Porto Alegre – RS – Brasil
e-mail: ipaportoalegre@terra.com.br

© Cláudio Laks Eizirik

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA